

O Exercício da Colegialidade nas Equipes de Nossa Senhora

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

I – AS RAÍZES DA COLEGIALIDADE

II – DEFINIÇÃO DA COLEGIALIDADE

III – FUNDAMENTOS DA COLEGIALIDADE

IV – EXERCÍCIO DA COLEGIALIDADE

CONCLUSÃO

O Exercício da Colegialidade nas Equipes de Nossa Senhora

INTRODUÇÃO

A Equipe Responsável Internacional – ERI – no mês de maio de 1993, por ocasião da definição da Responsabilidade nas Equipes de Nossa Senhora¹, fez referência pela primeira vez, à “Colegialidade”. Hoje, quase dez anos depois, tendo em conta a experiência e a prática da Colegialidade nos níveis internacional e regional, a ERI quis aprofundar o exercício da Colegialidade e a sua prática, com o Colégio que se reuniu em Melbourne – Austrália – em julho de 2002. Este documento recolheu todas as observações do Colégio assim como das Super-Regiões, e nós o apresentamos como um exemplo, por si mesmo, de trabalho na Colegialidade.

O presente documento faz referência, primeiramente, ao trabalho colegiado no interior da ERI, e entre a ERI e o Colégio, mas constitui igualmente um guia para o exercício da Colegialidade em todos os níveis de responsabilidade do Movimento.

Por que a Colegialidade é importante nas Equipes de Nossa Senhora? Em primeiro lugar porque, mais que um método, a colegialidade é um estado de espírito, que caracteriza as práticas do nosso Movimento para que encontremos juntos qual é a vontade de Deus. Este estado de espírito já o encontramos na vida do Casal e da Equipe.

O casal: porque a conjugalidade é animada em grande parte pela busca deste espírito, do qual o consenso é a expressão. O casal tende para esta busca da vontade de Deus sobre o seu “agir” na medida em que quer viver, na comunhão conjugal, a sua missão ao serviço do amor que o une, e segundo os fundamentos que mantêm o sacramento do Matrimônio (a liberdade, a corresponsabilidade, a escuta recíproca, a fecundidade, a indissolubilidade, a permanência). O aspecto visível desta busca encontra-se em evidência no espaço criado pela Oração Conjugal e pelo Dever de Sentar-se entre outros fatores.

A vida de Equipe: leva necessariamente a um modo de um viver colegiado, na medida em que isso faz parte do nosso carisma fundador, que é a espiritualidade conjugal, e dos elementos da nossa mística: estar reunidos em nome de Cristo, a ajuda mútua, testemunhar o amor de Deus no coração do amor humano².

A ERI enfrentou mais vezes a questão da colegialidade como meio de funcionamento do Movimento, e considerou em 1995, no Colégio de Dublin, que aquele era um fundamento essencial da sua unidade.

Isto supõe um estado de espírito que vivifique o conjunto do nosso Movimento, ao mesmo tempo uma boa compreensão dos mecanismos que fundamentam a colegialidade. É o que vamos tentar fazer, definindo o que poderia ser a Colegialidade, examinando seus fundamentos e a maneira como pode ser posta em prática.

¹ END. La responsabilité dans les Équipes Notre Dame. Édition française, (A responsabilidade nas Equipes de Nossa Senhora. Edição Francesa), Paris, maio 1993.

² Cf. ENS. Guia das Equipes de Nossa Senhora, Ano 2001, p. 15-18.

O Exercício da Colegialidade nas Equipes de Nossa Senhora

I. AS RAÍZES DA COLEGIALIDADE

A Igreja convida nosso Movimento a se perguntar como poderá anunciar Cristo e seu Evangelho ao casal, agora que temos mais consciência de fazer parte de uma humanidade única, mas, ao mesmo tempo, marcada pelo pluralismo das línguas, das culturas e das nações.

Se o Evangelho quer ser entendido pelo casal em todas as culturas, é preciso refletir na colaboração que se espera de nós no plano da evangelização, de modo que se leve em conta a diversidade dos responsáveis participantes da mesma busca de unidade.

Procurando as raízes da Colegialidade, podemos identificar pelo menos três fontes principais: na linguagem jurídica, na linguagem oficial da Igreja, e na linguagem das Escrituras.

A) Na linguagem jurídica

A “Collegialitas” encontra-se na linguagem jurídica, nos meios universitários e nas profissões médicas, que devem tomar decisões em comum. Neste contexto, a Colegialidade é a propriedade em virtude da qual um grupo autorizado possui, na alçada da sua competência, as atribuições necessárias para tomar decisões, soberanas ou não, em nome da sociedade no seio da qual exerce a sua atividade.

B) Na linguagem oficial da Igreja

O número 22 da *Lumen Gentium* fala do Colégio formado pelo Papa, sucessor de São Pedro, e pelos bispos, sucessores dos Apóstolos; é o que se conhece sob o nome de “colegialidade” à maneira do Colégio Apostólico.

Sobre a colegialidade, no sentido próprio do termo, a *Lumen Gentium* precisa:

- Todos os Bispos juntos constituem um Colégio, um corpo, uma ordem, e **este Colégio sucede ao Colégio Apostólico para o magistério e para o governo pastoral da Igreja**; é presidido pelo Papa, que é sua cabeça.

Solidariamente e sempre com o Papa, o Colégio dos Bispos exerce o seu poder sobre toda a Igreja.

- Os Bispos tornam-se bispos, de maneira legítima, em virtude da consagração sacramental e pela comunhão hierárquica com a Cabeça do Colégio e com os seus membros.
- A condição essencial da Colegialidade, no sentido mais forte do termo, entre o Papa e os outros bispos, é a comunhão hierárquica com o Papa, pois é o Papa que chama os bispos a tomar uma decisão colegial; ou então é ele quem deve aceitar e validar o que os mesmos Bispos decidiram em conjunto.

O número 23 fala da prática da Colegialidade entre os bispos, do que se chama colegialidade solidária, ou espírito colegial (em latim *affectus collegialis*).

O Exercício da Colegialidade nas Equipes de Nossa Senhora

A Colegialidade entre o Papa e os Bispos, de que nos fala o número 22 da Constituição *Lumen Gentium*, não pode ser diretamente comparada com a Colegialidade entre os casais da ERI, nem com a Colegialidade entre os casais do Colégio ERI-SR.

A razão é evidente: o caráter apostólico da Igreja significa que esta é estruturada sobre a base do ministério hierárquico, à maneira do Colégio apostólico formado por São Pedro e pelos outros apóstolos; nós, porém, Equipes de Nossa Senhora, somos uma associação de fiéis reconhecida na Igreja, formada por leigos casados, de direito privado, na qual deve valer o princípio: “O que diz respeito a todos deve ser decidido por todos”.

Tudo isto leva-nos a procurar na fonte primeira, que são as Escrituras, as raízes profundas da nossa Colegialidade.

C) Na linguagem das Escrituras

Fazendo apelo à linguagem bíblica, embora não encontremos aí uma referência explícita ao conceito da Colegialidade, recolhemos, contudo, vários textos relacionados com as experiências de vida comunitária; o que nos permite aproximar-nos progressivamente e com relativa precisão do conceito:

O sentido do serviço:

Na linguagem do Novo Testamento, está claro que Jesus não privilegia a autoridade, mas insiste no sentido do serviço: *“Sabeis que os chefes das nações as dominam e os grandes fazem sentir seu poder. Entre vós não deverá ser assim. Quem quiser ser o maior entre vós seja aquele que vos serve, e quem quiser ser o primeiro entre vós, seja vosso escravo. Pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida em resgate por muitos”* (Mt 20, 25-28). De tudo isso o Mestre deu-nos exemplo: *“Vós me chamais de Mestre e Senhor; e dizeis bem, porque sou. Se eu, o Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros. Dei-vos o exemplo, para que façais assim como eu fiz para vós”* (Jo 13, 13-15). De tudo o que foi dito, resulta o princípio “de igualdade” entre os irmãos na fé.

É por isso que nós não devemos falar de “poder”, mas de “serviço”.

A unidade entre Cristo e a Igreja

Eis um outro princípio claro: a união da comunidade de fé não se obtém por si própria, mas no espírito de Cristo. *“Eu sou a videira e vós, os ramos. Aquele que permanece em mim, como eu nele, esse dá muito fruto; pois sem mim, nada podeis fazer”* (Jo 15, 5).

Nós somos, ao mesmo tempo, os arquitetos e os operários na construção do Reino de Deus. *“Mas cada qual veja bem como está construindo de fato, ninguém pode colocar outro alicerce diferente do que já está colocado: Jesus Cristo”* (1 Cor 3, 10-11).

E, durante a construção, nosso dever como construtores, é de nos manter unidos:

“solicitos em guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz” (Ef. 4,3).

O Exercício da Colegialidade nas Equipes de Nossa Senhora

Os carismas ao serviço da comunidade

Embora sejamos todos iguais perante Deus, somos providos de diferentes carismas ou talentos (Mt 25, 14-27), que são dons de Deus: *“A cada um é dada a manifestação do Espírito, em vista do bem de todos. A um é dada pelo Espírito uma palavra de sabedoria; a outro, uma palavra de conhecimento segundo o mesmo Espírito; a outro... Todas essas coisas as realiza um e o mesmo Espírito, que distribui a cada um conforme quer”* (1Cor 12,7-11). Estes dons devem ser postos a serviço da comunidade: *“Ninguém traz uma lâmpada para colocá-la num lugar escondido ou debaixo de uma vasilha; coloca-a no suporte, a fim de que os que entram vejam a claridade”* (Lc 11,33).

A função profética da Colegialidade

“Sabeis, pois, distinguir muito bem os aspectos do céu; mas não reconheceis os sinais dos tempos!” (Mt 16,3). É o papel profético de toda comunidade de fé. À medida que os tempos mudam, apresentam-se novas circunstâncias, novas necessidades, novas oportunidades, novos desafios... e cabe à comunidade de fé produzir por graça respostas novas ao exercício e à prática da Colegialidade.

Um exemplo de Colegialidade

Finalmente encontramos nos Atos dos Apóstolos (15,1-34) um belo exemplo do exercício da Colegialidade. Isso teve lugar por ocasião da vinda a Antioquia de alguns discípulos da Judeia que ensinavam aos irmãos: *“Se não fordes circuncidados, como ordena a Lei de Moisés, não podereis ser salvos”*... Então os Apóstolos e os anciãos reuniram-se para examinar este assunto e após uma longa discussão, de acordo com toda a Igreja, decidiram escolher alguns dentre eles e enviá-los a Antioquia com Paulo e Barnabé... portadores de uma carta dizendo: *“Pois decidimos, o Espírito Santo e nós, não vos impor nenhum fardo, além destas coisas indispensáveis...”* (cf. At 15,1...29).

As Escrituras confirmam aqui o verdadeiro sentido da colegialidade, segundo a qual é a comunidade unida no Espírito que decide, inspirada por Ele, o que é mais apropriado para o bem de todos.

II. DEFINIÇÃO DA COLEGIALIDADE

Chegamos finalmente à definição de Colegialidade dada no documento “A Responsabilidade nas ENS”: *“A colegialidade pode ser definida como uma coparticipação dos “dons” diversificados e complementares que o Espírito concedeu*

*a cada um, numa busca comum da verdade e de um encontro mais profundo entre nós”*³.

É neste sentido que a Colegialidade tem por objetivo procurar em conjunto a vontade de Deus para o Movimento. Isso implica a reflexão, a discussão, o discernimento e a busca de consenso num clima de confiança, de lealdade e corresponsabilidade entre todos os membros da comunidade.

³ ENS. A Responsabilidade nas Equipes de Nossa Senhora, Edição 2000, p. 14.

O Exercício da Colegialidade nas Equipes de Nossa Senhora

III. FUNDAMENTOS DA COLEGIALIDADE

O que é comum a todos é o nosso batismo pelo qual o Espírito Santo age em nós. Por outro lado o Espírito Santo faz-se presente num grupo reunido em nome de Cristo (Mt 18,20). Tendo em conta esta presença, não podemos viver em equipe num simples contexto de democracia (direitos e deveres), mas numa atitude de fraternidade, de busca de pontos de encontro, de comunhão.

O Espírito Santo gera a unidade. Se nas nossas reuniões procurarmos a presença do Espírito, não falharemos. A unidade tornar-se-á mais forte para aqueles que estão dispostos a escutar a voz do Espírito.

A responsabilidade e a colegialidade

São, portanto, dois dons dados ao nosso Movimento desde a sua origem; é por isso que a responsabilidade e a colegialidade devem ser exercidas de maneira a servir e a exprimir a realidade dos casais e das equipes como fazendo parte da comunhão eclesial.

Esta maneira de viver a responsabilidade e a colegialidade implica o reconhecimento e o serviço do outro, o respeito mútuo, a confiança, a abertura e uma comunicação recíproca entre todos: é por isso que desde a origem, o nosso Movimento instituiu casais ligação, o que todos somos.

A Ligação é uma condição essencial da colegialidade. Ela é importante para garantir que todos os aspectos das decisões foram levados em consideração e para que sejam conhecidos e adotados por todos. Nosso movimento deve, pois, assegurar permanentemente que, no exercício da ligação, a responsabilidade e a colegialidade estejam em equilíbrio permanente, para permitir uma verdadeira comunhão.

Enquanto casais ligação, nós somos responsáveis e agentes de unidade, por um serviço que nos foi confiado, junto aos Setores, Regiões e Super-Regiões do Movimento.

Nós somos em todos os níveis encarregados de nos colocar em sintonia. Eis por que os Colégios internacionais, super-regionais, regionais, as equipes de setor, as equipes de serviços (que nós os convidamos a constituir, caso ainda não as tenham), devem ser reconhecidos como instrumentos modernos de ligação, no sentido de participação e de colegialidade, refletindo assim a diversidade dos casais.

Todavia, recordemos que a colegialidade deve estar a serviço da evangelização e não ser um instrumento para reduzir tudo ao menor denominador comum, atenuando as diferenças que são fontes de riquezas. É por isso que convém examinar agora os princípios e os limites da colegialidade.

Os princípios da colegialidade

A igualdade:

Desde a origem das Equipes de Nossa Senhora, a Colegialidade faz parte das práticas de funcionamento do nosso Movimento, tendo como finalidade evidente a boa compreensão, mas

O Exercício da Colegialidade nas Equipes de Nossa Senhora

também a tomada de decisões. Todavia ela implica a presença de casais que foram objeto de um chamado, em vista de um serviço definido.

Este chamado, se vem através de homens e mulheres, é antes de tudo um chamado do Senhor para se porem a serviço. Ele confere por isso a cada um os mesmos direitos e os mesmos deveres, e cria assim as condições indispensáveis à constituição de uma verdadeira colegialidade.

A transparência:

A colegialidade, porque permite a verificação das ideias, exclui os detentores do poder, que sejam possuidores de todos os direitos. Ela estimula a expressão livre daqueles que, dispondo de menos experiência ou conhecimentos, poderão no contexto colegial debater com toda a transparência.

A discussão:⁴

A colegialidade exprime-se pela discussão e pela reflexão, e não por um simples debate de opiniões ou de convicções. Essa caminhada pode ser prejudicada por personalidades que possuem certo poder, seja pelo seu carisma pessoal, seja por seu conhecimento anterior, e que por isso podem atrapalhar a reflexão, o discernimento colegial e a discussão.

Equilíbrio entre colegialidade e responsabilidade:

Se a colegialidade pode gerar fenômenos de tomada de poder, pode também treinar para a responsabilidade ou sufocá-la. Acabamos de ver mais acima quanto a colegialidade e a responsabilidade devem estar equilibradas. Afogadas num excesso de ligação ou de consultas, o que implicaria uma colegialidade exacerbada, a responsabilidade não poderia ser exercida. É, portanto, todo o sentido do serviço e da disponibilidade que ficaria enfraquecido por esta forma de autogestão.

A cadeia da colegialidade:

Outro princípio reside na necessidade da existência de uma cadeia da colegialidade.

É sobre toda a linha de responsabilidade e de serviço do Movimento que se deve exprimir a colegialidade: um colégio reunindo nas Regiões os Setores, - nas Províncias as Regiões, - nas Super-Regiões as Províncias ou as Regiões. Cada nível de responsabilidade deve comportar esse espaço para o exercício do debate, da transparência, da reflexão e da decisão.

IV. EXERCÍCIO DA COLEGIALIDADE

A colegialidade não pode subsistir senão por uma vivência e por um exercício permanente, que incluem certo número de passagens obrigatórias.

⁴ Discutir, no sentido científico do termo, é pôr em evidência todos os argumentos e experiências suscetíveis de clarear a tomada de decisão. O termo discernir não é suficiente para exprimir o que contém este processo. O discernimento faz parte da discussão.

O Exercício da Colegialidade nas Equipes de Nossa Senhora

A colegialidade é, antes de tudo, um estado de espírito e uma atitude a ser desenvolvida, mais que um método. Ela deve implicar:

- uma busca comum da verdade,
- uma busca de comunhão e de consenso,
- o estabelecimento de uma confiança,
- um processo de responsabilização e de decisão,
- uma aceitação sem reservas da decisão comum.

A) Busca em comum da verdade

Trata-se de uma tentativa para compreender e viver a vontade de Deus sobre o Movimento. Ela comporta duas etapas essenciais:

- **Uma etapa de coleta de dados** necessários à análise de problemas e situações que se apresentam em qualquer serviço que estejamos.

Isso supõe:

- Que tenhamos em conjunto uma linguagem clara e autêntica que se exprime numa grande caridade e correção fraterna.
 - Que cada membro do Colégio esteja atento às necessidades e expectativas dos equipistas e esteja em ligação permanente com eles diretamente ou por intermédio das estruturas que nos oferece o Movimento (a ligação).
 - Que todos juntos e na comunhão, nos sintamos responsáveis pela caminhada do Movimento no caminho para o Mundo (a corresponsabilidade).
 - A humildade e o desapego: ninguém é o detentor único da verdade e, antes de tudo, é o bem das Equipes que conta.
 - Que saibamos beneficiar o Movimento das nossas diferenças que se exprimem na riqueza dos nossos dons, das nossas capacidades e da personalidade de cada um.
 - Que as diferenças de temperamento e de mentalidade sejam para nós um trunfo para ter um olhar fraterno sobre “o outro”.
 - Que não estejamos preocupados senão com a qualidade do nosso serviço e isso fora de toda a procura de poder.
 - Que saibamos fazer passar para segundo plano o fato de pertencermos a um país ou a uma cultura, para assim poder trazer ao debate as suas riquezas e não as suas reticências.
- **Uma etapa de verdadeiro discernimento**

O Exercício da Colegialidade nas Equipes de Nossa Senhora

A procura da verdade desemboca muito naturalmente no necessário discernimento que deve comportar toda a decisão. É, pois, uma avaliação completa que é preciso fazer, em referência à vocação e aos objetivos do Movimento. Este discernimento só é possível com a condição de estarmos intimamente convencidos de que é Jesus Cristo quem nos reuniu. É por isso que a vida das nossas equipes e do colégio deve ser condicionada pelos tempos fortes e habituais da vida das Equipes de Nossa Senhora.

Deve-se utilizar o tempo adequado e necessário para um bom discernimento, evitando os obstáculos que alongariam a reflexão, diluindo assim o debate numa interminável procura de consenso, ou a impulsividade excessiva, ocultando os componentes essenciais da decisão.

Nós os convidamos a organizar seus encontros como o fazemos atualmente na ERI, respeitando estes tempos principais:

- **A oração partilhada**, que permite obter o dom da clarividência para sermos bons administradores e gerir melhor esta “herança viva e preciosa” que são as Equipes de Nossa Senhora.
- **A coparticipação**, para conhecer melhor nossos irmãos de equipe, sua sensibilidade, seu estado de vida, para permitir assim a correção fraterna indispensável a toda a vida de equipe, e para permitir também reforçar o espírito de amor e de entreatura fraterna, e de compreensão recíproca, o que é indispensável a toda a vida de equipe.
- **A partilha espiritual**, sem a qual não poderá haver verdadeira unidade na diferença e complementaridade.
- **A consciência forte da nossa missão**, apoiada sobre a formação, condição e até medida do anúncio missionário do Evangelho, que nos é confiada a serviço dos casais e das famílias.

B) Procura de comunhão e de consenso

Procurar a comunhão quer dizer aprofundar sempre mais o encontro entre nós. É preciso procurar sem cessar a comunhão e não a uniformidade. É da complementaridade que nasce a comunhão. Ela não significa nem nivelamento, nem negação do caráter “único” de cada membro do colégio, seja da ERI, seja de qualquer equipe.

- *“A pluralidade não deve causar nem divisão, nem justaposição, mas fazer nascer e alimentar a reciprocidade e a coordenação”* (Cristifideles Laici 20).
- A comunhão é, pois, uma responsabilidade e uma graça dada pelo Senhor, um dever confiado à guarda de cada um de nós. O seu crescimento não pode deixar de ser o fruto do espírito e a nossa resposta fiel e generosa ao Senhor.
- *“Que todos sejam um, como Tu, Pai, estás em mim e eu em Ti. Que eles estejam em nós, a fim de que o mundo creia que Tu me enviaste”* (Jo 17,21).
- A comunhão abre-se à missão, por isso ela é indispensável para que possamos participar na nova evangelização. A natureza missionária da Igreja, que parte do Cristo, encontra referências no Magistério da Igreja, que visa a promover a comunhão, garantindo a unidade de todos os fiéis em

O Exercício da Colegialidade nas Equipes de Nossa Senhora

Cristo. Com a aprovação da Santa Sé, a Equipe Responsável Internacional recebe esta missão e este serviço de garantir a unidade do Movimento no Cristo.

C) O estabelecimento de confiança

É a condição “sine qua non” da verdadeira decisão partilhada e colegial. A colegialidade é diferente da democracia; ela repousa na harmonia. Porque ela implica

a vontade de escolher em conjunto e chegar a uma decisão comum. A confiança repousa na certeza de partilhar um objetivo comum. A colegialidade encontra a sua fonte na confiança. Sem ela, cada membro de uma equipe entra num sistema de verificação do trabalho do outro. Este sistema de desconfiança permanente não pode ser o modo de funcionamento, mesmo excepcional, para um Colégio. Sobre este assunto do trabalho colegial, poder-se-á ler com proveito as páginas 14, 15, 16, 17 e 18 do documento “A Responsabilidade nas Equipes de Nossa Senhora”.

A confiança reside também na transparência em nossas reflexões e em nossas tomadas de posição. É por isso que nos parece indispensável que o Colégio Internacional leve muito em conta o alcance de todos os eixos prioritários fixados por ocasião das suas reuniões anuais. Isto implica uma nova leitura final e atenta dos atos e decisões do colégio.

As entidades super-regionais, regionais ou os setores ligados à ERI, são o lugar privilegiado do exercício da colegialidade e do espírito de comunhão com o Movimento na Igreja universal: isso devido à competência dessas instâncias na resolução dos problemas locais de organização ou de gestão das Equipes de Nossa Senhora, na escolha e no chamado dos novos responsáveis, e na animação do Movimento.

As relações entre as regiões, as super-regiões e os setores devem ser caracterizadas por uma colaboração fraterna e por uma real preocupação pastoral com respeito aos serviços e competências de cada um.

D) Processo de corresponsabilidade e de decisão

Será à frente da Super-Região ou da Região que se deve situar a missão do casal responsável? Ou ele é, antes de tudo, membro do Colégio Internacional, Super-Regional, ou Regional, e a esse título corresponsável do Movimento e da sua unidade?

A questão do papel do responsável de Equipe, de Setor, de Região, de Província, de Super-região, em relação à sua equipe e em relação ao conjunto do Movimento interpela-nos, portanto.

Para medir o quadro da responsabilidade de cada um, convém distinguir o que resulta do processo de decisão, da responsabilidade de ter ou de assumir uma decisão tomada colegiadamente.

A decisão

O processo de decisão deve ser entendido como uma reflexão mediante a discussão e não como um simples debate de opinião ou convicção. Uma decisão deve ser o resultado de um processo, que se fundamenta no princípio de um confronto de argumentos e de contra-argumentos entre vários atores, que aceitam, num dado momento, um ponto de vista ou uma decisão que podem ser diferentes da sua posição inicial.

O Exercício da Colegialidade nas Equipes de Nossa Senhora

A discussão é um trabalho da razão, que põe em ação racionalidades diferentes e complementares. Ela permite a elaboração, dentro de um tempo suficiente, de um espaço público crítico que fundamenta, ou pelo menos justifica, as razões dos atos decididos.

*“Partindo de abordagens diferentes e mesmo de convicções diversas, é preciso que busquemos juntos chegar a um consenso que unifica (...). Isto é particularmente importante para os assuntos concernentes à vocação profunda e aos objetivos do Movimento. O que buscamos, em cada decisão, é aderir à vontade de Deus”.*⁵

Se o princípio de discussão é respeitado, permite com todo o rigor obter um acordo de conjunto dos membros do Colégio implicados na discussão, acordo chamado de consenso. O consenso é o resultado procurado, mas a sua obtenção não deve, porém, tornar insípida a discussão.

O consenso não é um princípio ético suficiente se for mal empregado. Pode ser – e é esse então o seu limite – a expressão de uma ideologia de grupo, o produto de uma dominação hierárquica ou carismática de um ou de vários membros desse grupo.

Devemos defender a ideia de que um só não pode ter razão contra todos.

O tempo concedido à tomada de decisão deve permitir a distância necessária para a compreensão das situações, sejam elas humanas, sociais, sejam espirituais. Nem mesmo a discussão garante à decisão tomada a certeza da sua absoluta legitimidade. Possibilita, porém, uma seriedade e um rigor que não poderíamos dispensar.

A discussão, porque exige que se tome em consideração argumentos do conjunto dos atores como força crítica, é condição imperativa para que o processo de decisão se exerça de maneira harmoniosa, colegial e precisa.

A responsabilidade

O exercício da responsabilidade fundamenta-se no sentido de serviço e não na autoridade. Ela se desenvolve pela prática da colegialidade; portanto o papel do casal responsável pode determinar-se nos seguintes pontos:

- A sua primeira função em todos os níveis da organização é trabalhar em equipe. Por isso, o Casal Responsável deve esforçar-se por estimular a amizade e a confiança entre todos os membros da equipe. A coparticipação revela-se um instrumento muito útil a esse respeito, mas a oração é também indispensável, *“pois sem mim, nada podeis fazer”* (Jo 15,5).
- O Casal Responsável deve esforçar-se por descobrir e estimular os dons particulares de cada um dos membros de sua equipe, casais e conselheiro espiritual, a fim de permitir a cada um pôr ao serviço da equipe a sua própria capacidade.
- A função de animação do Casal Responsável obriga-o a estimular a reflexão pelo estudo e pela discussão dos diferentes temas de que a equipe se ocupa. Deve garantir a expressão livre das ideias de cada um dos membros da equipe.

⁵ ENS – A responsabilidade nas Equipes de Nossa Senhora. *Op. cit.*, p.16.

O Exercício da Colegialidade nas Equipes de Nossa Senhora

- O Casal Responsável deve agir com toda a caridade fraterna, agir como conciliador entre os membros da equipe, cada vez que as diferentes posições sejam divergentes, a fim de trabalhar para a obtenção de um consenso.
- Quando o processo colegial não puder chegar a um consenso, e ele for necessário para a equipe, o Casal Responsável deve tomar a decisão final em consciência, em nome da sua responsabilidade. Mas deve fazê-lo na oração, em estreita união com o Espírito, e sempre em espírito de serviço.
- Nem todos os aspectos, nem todos os detalhes dos assuntos que dizem respeito ao nosso Movimento podem ser objeto de decisões adotadas colegialmente. Se *“também é certo que o trabalho em colegialidade não dispensa o Casal Responsável de sua missão própria, que é tomar e assumir a decisão final quando o processo colegial não pode chegar a um consenso”*⁶, existem ainda outros casos ou assuntos que não dizem respeito diretamente à vocação profunda, aos objetivos e à pedagogia do Movimento, nos quais o Responsável deve exercer plenamente seu papel.
- Finalmente, *“a colegialidade não anula a missão do Casal Responsável que, em cada nível da organização, é o sinal visível da unidade da equipe”*.⁷

E) A decisão comum

Uma decisão tomada no quadro da colegialidade compromete todos os membros responsáveis do Colégio que estão encarregados, segundo sua missão, de velar para que ela seja aplicada no espírito e segundo as modalidades que presidiram à sua determinação.

Isso implica que a decisão seja bem compreendida, e que depois, ninguém queira trazer-lhe modificações que alterariam a decisão. Somente adaptações locais são possíveis, desde que previstas e aprovadas, e estendidas apenas ao perímetro da decisão.

A solidariedade entre todos os membros de um mesmo Colégio, e do nosso em particular, é essencial, porque ela é a garantia do espírito de serviço e de entreatuda que caracteriza o nosso Movimento.

Nenhuma entidade do Movimento pode, sem prejudicar a saúde de todo o corpo, modificar ou tomar iniciativas que ponham em perigo as Equipes de Nossa Senhora na sua organização, nos seus princípios fundadores, na sua disciplina ou nos seus métodos.

Isto supõe, portanto, uma perfeita lealdade de uns para com os outros. Está aí o prêmio da unidade do nosso Movimento, que deve encontrar sua fonte na unidade das nossas equipes e do Colégio e, portanto, no amor que nos une. *“Vejam como eles se amam”*.

⁶ ENS – A responsabilidade nas Equipes de Nossa Senhora. *Op. cit.*, p.17.

⁷ Idem, p. 14

O Exercício da Colegialidade nas Equipes de Nossa Senhora

F) Avaliação

Para que a colegialidade seja vivida num verdadeiro espírito de serviço, na continuidade com o espírito das Equipes de Nossa Senhora e em fidelidade a esse espírito, deve ser objeto de uma avaliação periódica por parte daqueles que a vivem em todos os níveis de serviço. Esta avaliação do trabalho colegiado poderá ser conduzida por cada instância de responsabilidade, equipe regional, super-regional, provincial, nas zonas de ligação, na ERI e no Colégio.

CONCLUSÃO

A Colegialidade é um meio magnífico para ter em conta o máximo da riqueza de cada um, e fazer crescer da melhor maneira as nossas decisões, através de uma reflexão que leva em consideração a realidade da vivência dos casais.

Uma realidade que não dá frutos “para os outros”, e que trabalha somente para si mesma, é inútil. Se o nosso Movimento ocupa-se apenas de si mesmo, então esquece que está a serviço de algo maior: ser janela através da qual se vê Deus, ser espaço aberto em que se ouve a Palavra de Deus e onde ela se torna presente em nossa realidade.

A Colegialidade, bem vivida, protege-nos da opacidade de nosso olhar sobre os problemas do mundo, deste mundo cheio de sofrimento, mas também cheio de felicidade, que temos de fazer evoluir pela nossa responsabilidade e em colegialidade, para que se construa a civilização do amor que nos é anunciada por Jesus Cristo no seu Evangelho.

A chave do sucesso desta nova evangelização, no seio do nosso Movimento, está no espírito de colegialidade, no qual os equipistas responsáveis em todos os níveis trabalham numa perspectiva de santidade.

A Igreja, e o nosso Movimento na Igreja, devem hoje enfrentar imensos desafios, que põem à prova a confiança e o entusiasmo dos anunciadores do Evangelho. Não se trata somente de problemas quantitativos, devidos ao fato de os cristãos constituírem uma minoria, mas de uma mudança do panorama cultural dominado pelo déficit nos engajamentos.

A Colegialidade é uma das maneiras de envolver as novas gerações de responsáveis, mais sensíveis e melhor formadas nesta maneira de agir, de modo que o apelo, que receberão do Senhor por nosso intermédio, lhes permita crescer e fazer crescer os outros através de um engajamento total e radical ao serviço do Evangelho.

Equipes de Nossa Senhora, nós vivemos a EQUIPE desde a primeira reunião, em 25 de Fevereiro de 1939, de quatro casais juntos e com o Padre Caffarel; não é isto o mais belo testemunho que a colegialidade é uma realidade que traz muitos frutos?

* * * *